

SARAIVA, Márcia Pires. **IDENTIDADE MULTIFACETADA: a reconstrução do "ser" indígena entre os Juruna do médio Xingu**. Belém: NAEA/UFPA, 2008, 323 p.

---

Eneida ASSIS<sup>1</sup>  
Faculdade de Ciências Sociais/IFCH/UFPA  
eneidassis@ufpa.br

O livro de Márcia Pires Saraiva percorre a história dos Juruna do Médio Xingu, mantendo um diálogo com os diferentes segmentos desse povo, hoje localizados em diversas partes dessa região. São os Juruna da Terra Indígena do Paquiçamba, da Volta Grande do Xingu, de Altamira, da Estrada Ernesto Accioli, aqueles que vivem em outros grupos com os quais os Juruna têm mais proximidade como os Xikrin do Bacajá e com os Arara da Volta Grande. Em face das compulsões sofridas, os Juruna não se apresentam mais como os "bocas pretas", conforme relatado nos escritos de Coudreau, mas como um ribeirão do Xingu, tal é sua aparência. Assim, sem parecer, mas sendo, os Juruna de um povo invisível se tornou visível em um momento de crise vivido pelos povos do Xingu, quando foi anunciada em 1977-1978, a construção da Hidrelétrica de Kararaô, que atingiria de forma direta os povos do Xingu e de seu afluente, o rio Iriri.

A Barragem formada por um complexo de outras barragens traria energia para o Brasil, deslocando nove povos indígenas e inundando grandes extensões de florestas cuja fauna e flora ainda não haviam sido estudadas a contento. Fato similar ocorria com os Juruna do Médio Xingu, povo Tupi de língua juruna, cuja existência e modo de vida pareciam estar restritos aos relatos dos naturalistas e dos viajantes como o príncipe Adalberto da Prússia, Coudreau e Brusque que contataram com eles no século XIX.

No Grito Kararaô, estão os Juruna, porém ofuscados pelos parentes mais próximos ao ideal indígena, os Kayapó, os Xikrin e outros povos do Xingu cuja presença é marcada pelo gesto de Tuíra e seu facão em punho.

---

<sup>1</sup> Eneida Assis é antropóloga e cientista política. Professora Associado I da Faculdade de Ciências Sociais/IFCH/UFPA. Áreas de atuação: Etnologia Indígena e Indigenismo; Relações Internacionais.

Os Juruna retornam ao foco na segunda edição do projeto hidrelétrico batizado de Complexo Hidrelétrico Belo Monte, e desta feita estão na área de impacto direto do empreendimento. Mesmo assim, sua inexistência é proclamada inclusive por autoridades, como informa a autora (SARAIVA, 2008, p. 212).

Neste cenário onde predomina a invisibilidade e a negação da existência, a revelação da identidade se coloca como algo crucial para os Juruna, e neste esforço o movimento de construção da identidade segue uma direção *sui generis*, partem daqueles que vivem na cidade de Altamira em direção ao Paquiçamba, Volta Grande do Xingu, Estrada Ernesto Accioli, atingindo até mesmo aqueles que estão bastante afastados de seu local de origem, como é o caso de alguns Juruna que vivem em Belém.

A partir de uma abordagem interdisciplinar, o estudo se apropria da discussão da antropologia sobre o tema da identidade e do dilema que envolve aqueles que não parecem ser o que dizem. É o que ocorre com o índio misturado, aqueles que representam os diversos modos que o contato interétnico assumiu na dinâmica das relações entre índios e brancos, o que permite compreender o conceito de índio na atualidade. Seguindo esse raciocínio, a autora discorre sobre os “novos índios” ou como também foram chamados na literatura antropológica de “ressurgidos”. Povos considerados extintos que retornam reclamando de sua indianidade. Estes estão em diversos lugares, nas cidades, ao longo de uma estrada, nas margens dos rios em pequenos grupos familiares unidos pela memória histórica transmitida a gerações.

Este aspecto serviu de base para o segundo movimento do estudo, os recursos da história oral e da memória. Recorrendo a Diehl (2002, p.15), que afirma que “[...] a memória pode mostrar os escombros, as ruínas e os processos de desintegração, tornando ela mesma uma testemunha do passado, no qual o progresso rompeu com as estruturas tradicionais”, Saraiva afirma que “[...] a memória sedimenta o movimento político e étnico dos Juruna” (2008, p.36).

À literatura dos viajantes e seus relatos sobre os Juruna, Saraiva utilizou também as imagens produzidas durante a pesquisa de campo, pois, como esclarece a autora “[...] os Juruna citadinos muito quiseram exibir a dança, a pintura corporal, os desenhos de suas histórias contadas nos versos de cordel” (2008, p. 37). A pesquisa de campo cobriu um período de noventa dias, entre os meses de maio a julho de 2004, distribuídos por passagens na Aldeia Paquiçamba, cidade de Altamira, Ilha da Fazenda

e visitas a famílias que moram dispersas pelo Beiradão na área da Volta Grande do Xingu.

A obra está dividida em sete capítulos além da Introdução e Conclusão, escritos em estilo de narrativa com as devidas pontuações de referência aos autores que auxiliaram a autora a pensar a sua questão como bem convém a um texto acadêmico.

A Introdução está dividida em duas partes: na primeira, denominada "A questão investigada", a autora situa o processo de reconstrução da identidade Juruna no cômputo do debate sobre identidades étnicas, especialmente os presentes no mundo globalizado, tanto nos países centrais quanto periféricos, como ocorre com o movimento zapatista. Na segunda parte explana sobre a metodologia focada sobre o estudo de caso, concebendo-a como um método que permeou toda a pesquisa. Com isso as evidências orais, documentais, visuais, como fotografias e gravuras e observação direta, permitiram a autora deslindar seu objeto de estudo. No segundo capítulo, "O ser indígena: um embate de significados", a autora situa a questão dos "novos índios" como um desafio para a ciência antropológica por se caracterizarem por forte miscigenação e estarem integrados aos contextos regionais. Neste aspecto, o caso Juruna tem as suas particularidades, pois estes têm parte de sua população aldeada em uma Terra Indígena identificada, e outros membros distribuídos em diferentes contextos sociais e econômicos. No entanto, podem ser considerados na categoria de "novos índios", contrapondo-se aos parentes Juruna que vivem no Parque Indígena do Xingu que adotaram o etnônimo de Yudjá em oposição ao etnônimo Yuruna (Juruna), considerados pelos primeiros como "de mentira"<sup>2</sup>.

No terceiro capítulo "Sobre a história Juruna: mestiçagens, fugas e acomodações étnicas", Saraiva faz referência às primeiras notícias sobre os Juruna, ainda no século XVI, juntamente com outros grupos hoje desaparecidos, como os Taconhapé, Pena e Pacajá, à ação missionária, ao estabelecimento de missões, ao contágio de doenças como sarampo e varíola, e à escravidão. Mas também é referida a descrição de como eram os Juruna: "[...] Eram de estatura acima de mediana, e, ao contrário de outros selvagens, inimigos da indolência. Diferenciavam-se por uma lista preta tatuada desde a testa até o lábio superior, onde se dividia rodeando

---

<sup>2</sup> Sobre este assunto ver: LIMA, Tânia Stolze. Um peixe olhou para mim: o povo Yudjá e a perspectiva. São Paulo: Editora UNESP/ISA; Rio de Janeiro: NuTi. 2005.

a boca com um traço preto. Quanto mais nobre a pessoa tanto mais larga era a lista; os chefes, porém enegreciam todo o rosto”<sup>3</sup>.

A descrição dos viajantes permite ao leitor da atualidade ter uma idéia do aspecto físico e cultural como em um trecho do relato do príncipe Adalberto: “[...] Suas feições que já se distinguem vantajosamente pelo bonito nariz curvo das outras tribos de índios de nós conhecidas, são na maioria agradáveis e tem cunho de franqueza e cordial bonomia, que se reflete também no seu olhar amistoso, que não tem o menor vislumbre de selvagem”.<sup>4</sup>

Ou ainda das relações com as demais tribos que habitavam a região e as estratégias de sobrevivência e de juízo de valor do viajante: “[...] Os homens andão completamente nus. Permanecem nas ilhas, porque assim, evitão as ciladas d’outros selvagens seus inimigos e para seu transporte estão as canoas de casca de pao denominadas – ubás. [...] São subordinados a um tuchaua denominado de nome Jauára. [...] Usão arco e flexa, mas sabem servir-se das armas de fogo. São muito indolentes e ladrões”<sup>5</sup>.

Coudreau faz referência aos Juruna que viviam em Paquiçamba e ao tuxaua Muratu, personagem histórico que ainda permanece na memória dos atuais Juruna. Mesmo afirmando que Muratu já não exercia tanto poder, na memória dos mais velhos, como afirma Saraiva, ele possuía poder mágico por ser detentor de muitos saberes, e que ao morrer virou onça, confirmando o que os Juruna do Alto Xingu acreditam, ou seja, que seus heróis culturais são descendentes de uma onça preta (SARAIVA, 2008, p. 68).

Em Paquiçamba, a família de Corina Juruna, filha de Muratu, criou filhos e netos, demarcando esse espaço como território Juruna. Os demais se dispersaram em razão de conflitos intertribais, alianças com seringueiros ou por estarem a serviço de diversos seringueiros, fatores que colaboraram para a intensa miscigenação que sofreram.

Como lidaram com a mistura, é o que a autora busca tratar no capítulo quatro “Os Juruna de Paquiçamba: memórias e conflitos territoriais”. A TI Paquiçamba funciona como base de referência para os

<sup>3</sup> SOUTHEY, Robert, *apud* ADALBERTO, Príncipe da Prússia. Brasil-Amazonas [1811-1873]. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977. p. 211.

<sup>4</sup> ADALBERTO, Príncipe da Prússia. Brasil-Amazonas [1811-1873]. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977. p. 181.

<sup>5</sup> BRUSQUE, Francisco Carlos de Araújo. Relatório apresentado á Assembléa Legislativa da Província do Pará, 2ª. sessão da XXI Legislatura pelo Excelentíssimo senhor presidente da Província, 1862, p. 16.

Juruna, independentemente de onde estejam, e, sobretudo, por estarem incluídos na categoria de índios misturados. É também em Paquiçamba que se observa a ação das instituições como o Conselho Indigenista Missionário/CIMI e o Distrito Sanitário Especial Indígena/DSEI. O CIMI atuou no processo de organização política e na introdução da educação com a construção de uma escola, o envio de duas professoras; enquanto o DSEI instalou um Posto de Saúde, o que influenciou para que novos moradores se mudassem para Paquiçamba, uma terra indígena demarcada e legalizada. Manoel Juruna é o novo chefe de uma população de 15 famílias e um total, que varia conforme a época, entre 60 a 70 pessoas. A constituição dessas famílias merece da autora a reflexão em torno da adição do nome indígena pelas mulheres não indígenas, processo que chamam de “entrosamento”, ou seja, estão entrosadas com os Juruna com quem são casadas. Apesar do alto nível de mistura a classificação entre índios legítimos (pai e mãe indígenas) e ilegítimos, em que se agrupam a descendência de casais que resultam de entrosamentos, está presente entre os Juruna. Os indígenas são guardiões da natureza? Aqui Saraiva demonstra que as pressões econômicas, a falta de escolaridade e a profissionalização colocam os Juruna entre aqueles que colaboram com a ameaça ao meio ambiente. Neste caso, com a pesca do acari, que alcança alto valor no comércio de peixes decorativos, que estão ameaçados de extinção à semelhança do que ocorreu com os gatos do mato, altamente caçados no passado. O capítulo cinco, “A Geopolítica das agências: de “índios sobre si” a tutelados”, trata das relações entre as diferentes agências, a saber, CIMI, DSEI, FUNAI, Programa RAÍZES, com os Juruna de Paquiçamba, os momentos de parceria e as cisões. Nesse contexto, o início dos Estudos de Impactos Ambientais/EIA da CHE-Belo Monte, da ELETRONORTE, reflete sobre a temperatura dessas parcerias, encerrando provisoriamente algumas delas, revelando a delicadeza dessas relações.

O capítulo seis, “Os Juruna citadinos: história, memória e identidade,” traz o novo ator indígena, aquele que vive na área urbana, no caso de Altamira; trata-se de um retorno para a antiga aldeia-missão Tavaquara. Muitas famílias indígenas, tais como Xipaia, Curuaia, Juruna, vivem nas áreas baixas e alagadiças e sofrerão grande impacto caso a barragem seja construída. Neste cenário, as figuras femininas de Cândida Juruna, Elza Xipaia assumem o lugar de vultos masculinos, como Fortunato e Manoel Juruna e outros. No relato de Cândida e de Joaquina Juruna, aparece a violência de que as mulheres foram vítimas

ao longo dos diversos deslocamentos, como funcionaram como moeda de troca para seringalistas locais. A recuperação da história dos Juruna citadinos está sendo feita por meio da literatura de cordel produzida por Cândida Juruna, da pintura corporal, das danças e da recuperação dos mitos. A literatura também tem servido de meio de discussão das decisões governamentais e empresariais a respeito do barramento do Xingu e dos impactos que produzirão.

O capítulo sete, "A dinâmica do movimento indígena em Altamira: alianças e confrontos políticos", traz o debate sobre a organização política dos indígenas, um tema que desperta cada vez mais o interesse dos pesquisadores. Associações como a Associação Indígena dos Moradores de Altamira/AIMA, aglutinavam indígenas de diferentes etnias, mas não obtiveram o sucesso esperado; surgindo outras como a Associação do Povo Juruna do Xingu do Km 17/APIJUX, que congrega os indígenas citadinos; e a Associação Cacique Representantes dos Índios Regional de Altamira/ACARIRÁ, que reúne os Xipaia e Curuaia dissidentes da AIMA, processos que demonstram as dificuldades dos arranjos organizativos. Por outro lado, essas associações são símbolos da presença indígena no meio urbano. Um aspecto bastante explorado pelos atores interessados é o aumento de clivagens internas nesses grupos, mediante distribuição desigual de benesses que terminam por gerar crises internas enfraquecendo as organizações. Uma palavra sobre o papel da FUNAI e de seu dirigente local traz à baila um assunto delicado: a interferência pessoal e não simplesmente institucional, demonstrando a permanência de modelos antigos de gestão. Neste caso, Saraiva apenas aponta um assunto bastante complexo para ser tratado no corpo desta dissertação: o estudo da instituição indigenista em nível local. Na Conclusão, denominada "Identidade Multifacetada", Saraiva afirma que a identidade juruna expressa uma demarcação, uma maneira de diferenciar-se de outros grupos, promovendo sua visibilidade, tornando exequível sua existência. A construção de sua tradição deve se caracterizar pelo esgarçamento dos assuntos, pois reúne memórias e relatos de acontecimentos que traduzem o que vivenciaram ao longo das gerações passadas e presentes. Muratu é o princípio dessa nova geração. Ele ocupa o papel que Cinã tem para os Yudjá do Alto Xingu. Na exposição dessa identidade, segundo a autora, os Juruna citadinos procuram demonstrá-la marcando seus espaços, enquanto os de Paquiçamba a escondem (SARAIVA, 2008, p. 215).

Assim, a recuperação da memória histórica e dos vestígios culturais renova a ligação com suas raízes, fortalecendo o sentimento de ser Juruna.